

IDENTIDADE E EROTISMO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA DE AUTORIA FEMININA

IDENTITY AND EROTISM IN CONTEMPORARY LITERATURE WITH FEMALE AUTHORITY

Ingrid Andrade Marques 1

Resumo: O erotismo sempre esteve presente na vida dos seres humanos, e ao longo dos séculos foi temática em diversos textos literários, porém ainda é um tema que carrega muitos preconceitos, principalmente ao ser relacionado à mulher. Com isso, este trabalho tem como sua principal reflexão as relações do erotismo na construção da identidade feminina na contemporaneidade. E a concepção de que a escrita erótica de autoria feminina possibilita falar do corpo feminino como forma de construção identitária. Assim, em um primeiro momento, analisar-se-á a ligação entre erotismo e identidade feminina, na pós-modernidade, apontando às várias possibilidades na abordagem do erótico produzido e representado por mulheres. Neste sentido a fundamentação teórica será baseada nas concepções de Angélica Soares (1999), Georges Bataille (1987), Octávio Paz (1994), entre outros. Para tanto, toma-se como corpus de análise, poemas contidos na obra *Guizos da Carne: Pelos decibéis do corpo* (2014), da escritora contemporânea tocantinense Lia Testa. Visando, de tal modo, identificar a manifestação do erótico na poesia, que apresenta o feminino não em submissão ao masculino, mas como este quebra a visão tradicional de erotismo.

Palavras-chave: Identidade. Erotismo. Contemporaneidade. Autoria feminina. Poesia.

Abstract: Eroticism has always been present in the lives of human beings, and over the centuries it has been thematic in several literary texts, but it is still a theme that carries many prejudices, especially when related to women. With this, this work has as its main reflection the relationships of eroticism in the construction of female identity in contemporary times. And the conception that erotic writing by female authorship makes it possible to speak of the female body as a form of identity construction. Thus, at first, to analyze the problem of the connection between eroticism and female identity, in postmodernity, pointing to the various possibilities in the approach to the erotic produced and represented by women. In this sense, the theoretical foundation will be based on the conceptions of Angélica Soares (1999), Georges Bataille (1987), Octávio Paz (1994), among others. For this purpose, poems contained in the work *Guizos da Carne: Pelos decibéis do corpo* (2014), by contemporary writer Lia Testa are taken as corpus of analysis. In such a way, to identify the manifestation of the erotic in poetry, which presents the feminine not in submission to the masculine, but how it breaks the traditional view of eroticism.

Keywords: Identity. Eroticism. Contemporaneity. Female Authorship. Poetry.

Introdução

Nos últimos anos discussões sobre a sexualidade feminina, e movimentos que lutam contra dominação do corpo feminino têm ganhado a cada dia mais espaço na sociedade. Muitas escritoras têm se destacado ao abordar o erótico em seus textos. Angélica Soares em *A paixão emancipatória*, afirma que a forma como os textos contemporâneos tem apresentado o erótico trazem novos olhares, percepções e um novo imaginário relacionado a isso, e que “a dimensão da sexualidade [...] é forte componente das preocupações e da luta pela emancipação feminina” (SOARES, 1999, p. 119).

A literatura de autoria feminina fundamentada, muitas vezes, nas teorias feministas, possibilitou uma conscientização e uma maior liberdade de criação por parte das autoras. Nesta pesquisa, pretende-se entender o texto erótico de escrita feminina, como uma forma de libertação da sexualidade feminina e de construção da identidade.

As mulheres na Literatura assumiram um grande papel ao falar do novo, da sexualidade, do erotismo e do amor. Neste sentido, uma escritora ao trazer o tema da eroticidade, reafirma uma forma de resistência ao preconceito e a dominação patriarcal, dando poder a autonomia e a liberdade feminina, uma forma de emancipação feminina e literária, a partir do erotismo dos corpos e da linguagem, como afirma Michel Foucault, “o que me parece essencial é a existência, em nossa época, de um discurso no qual o sexo, a revelação da verdade, a inversão da lei do mundo, o anúncio de um novo dia e a promessa de uma certa felicidade estão ligados entre si” (FOUCAULT, 2019, p. 12).

O erotismo é inerente ao ser humano, já que, se fundamenta na constituição de sua própria existência. Portanto, atualmente, as mulheres conseguem falar sobre sexo e relatar os anseios mais íntimos femininos com um pouco mais de liberdade. Por meio da escrita é possível apresentar um erotismo revolucionário, que rompe obstáculos e amplia o espaço feminino na literatura e na sociedade. “O grande investimento poético no erotismo pelas mulheres parece-me ter muito a ver com esse momento de intenso trabalho de conscientização da necessidade de ruptura dos paradigmas repressores” (SOARES, 1999, p. 119).

Logo este trabalho pretende relacionar a característica humanizadora da literatura com à construção da identidade cultural de uma sociedade, ao tentar proporcionar aos leitores o interesse, por meio do ponto de vista feminino, pela literatura erótica.

Georges Bataille em *O erotismo* (1987), afirma que o indivíduo busca alcançar o erotismo, para se completar, já que, na contemporaneidade os seres são vistos como descontínuos. E ao buscar o estado erótico o ser busca a continuidade, a completude. Octavio Paz completa, em *A chama dupla: amor e erotismo* (1994), que o erotismo é como uma invenção da natureza e da cultura humana, o que denota os seres incompletos que somos, colocando o desejo amoroso como uma busca eterna por se completar.

Para a realização deste trabalho, no primeiro momento foi feito um estudo sobre o tema proposto: as relações entre erotismo e identidade feminina na contemporaneidade. A importância da escrita feminina como forma de emancipação. A possibilidade de construção da identidade feminina através do uso do corpo no erotismo. Ainda, abordaremos conceitos sobre o desejo e a sexualidade feminina, dialogando, principalmente, com Angélica Soares (1999), Georges Bataille (1987), Octávio Paz (1994), entre outros.

No segundo momento, foi percorrido o caminho erótico da leitura da poesia de Lia Testa, por meio da obra *Guizos da carne: pelos decibéis do corpo* (2014), foram escolhidos alguns poemas desta obra ímpar da autora, em que percebemos o papel da poesia e do poeta na contemporaneidade ao explorar a sexualidade. Procurou-se entender os caminhos percorridos pela autora na escrita do texto erótico, e como o texto se coloca a serviço da libertação da sexualidade, a favor do erotismo.

Identidade e erotismo feminino

Ao procurar entender o erotismo para mais que uma atividade sexual reprodutora, é possível perceber uma ligação com os instintos humanos na constante busca por realização. Sigmund Freud (1969) apresenta a sexualidade como caráter determinante na formação do ser, além de ser responsável pela continuação da espécie, é um dos impulsos humanos mais

importantes.

A sexualidade e o corpo de uma pessoa, essencialmente, fazem parte de sua constituição, “a sexualidade e o desejo do sujeito encontram-se intrinsecamente ligados ao sentido que esse indivíduo constrói de sua própria identidade” (MAFRA, 2006, p. 2). Com isso, ao discutir sobre o corpo e o erotismo em relação a identidade, pode-se entender que, também na sexualidade, são muitas as identidades que se constroem, e como afirma Stuart Hall (2001), a identidade está se transformando constantemente, então, essa construção identitária estável, não é certa, fixa ou contínua.

Paz, ao discorrer sobre as muitas dimensões do amor e do erotismo, aponta que, na atividade erótica, o indivíduo sai de sua descontinuidade para se entregar ao outro numa experiência mística:

O ato em que culmina a experiência erótica, o orgasmo, é indizível. É uma sensação que passa da extrema tensão ao mais completo abandono e da concentração fixa ao esquecimento de si próprio; reunião dos opostos, durante um segundo: a afirmação do eu e sua dissolução, a subida e a queda, o além e o aqui, o tempo e o não-tempo. A experiência mística é igualmente indizível: fusão instantânea dos opostos, da tensão e da distensão, da afirmação e da negação, do estar fora de si e do reunir-se consigo mesmo no seio de uma natureza reconciliada (PAZ, 1994, p. 100).

A partir desta percepção o erotismo atua como uma produção cultural de identidade na sociedade, construindo e desconstruindo ao mesmo tempo. Paz ainda afirma que o erotismo está além da sexualidade porque implica em uma busca psicológica, uma característica da humanidade, que nos animais encontra-se apenas o instinto de perpetuação da espécie, “é uma invenção humana e não praticada por nenhum dos outros mamíferos” (PAZ, 1994, p. 106).

A definição de Paz, se aproxima à de Georges Bataille (1987), uma vez que, para Bataille, o homem diferencia-se dos animais por sua capacidade de transformar o sexo em uma atividade erótica, “o erotismo é na consciência do homem aquilo que põe nele *o ser* em questão” (BATAILLE, 1987, p. 20).

Para Anthony Giddens, em *A transformação da intimidade*, por meio do erótico é possível compartilhar sensações, ideias e experiências.

O erotismo é o cultivo do sentimento, expresso pela sensação corporal, em um contexto comunicativo; uma arte de dar e receber prazer. [...] O erotismo é a sexualidade reintegrada em uma ampla variedade de propósitos emocionais, entre os quais o mais importante é a comunicação (GIDDENS, 1993, p. 220).

As relações humanas, as representações e a sexualidade, entre muitas outras, são culturalmente estruturadas com base nas diferenças entre os gêneros, conforme Tedeschi, estas formam uma socialização sexuada que:

Passa a ser reforçada na escola, bem como através dos meios de comunicação (cinema, jornais, revistas). Uma vez que homens e mulheres são educados de forma diferente, em consonância com o que a sociedade define como “identidade feminina” e “identidade masculina”, homens e mulheres passam a agir, pensar, comportar-se, falar, discutir e enfrentar problemas de forma também diferente (TEDESCHI, 2009, p.

38).

Estas representações, contribuíram para o domínio do sexo masculino, formando crenças e ideologias, que geraram uma cultura que sustenta a condição de submissão e inferioridade femininas. Modelos foram instituídos por uma ordem social e cultural, que determinava padrões de conduta feminina e masculina a serem seguidas.

A propagação dessas ideias, desvincula a mulher da sexualidade e a transforma em genitora, logo, qualquer revelação da eroticidade feminina é tratada como fora dos padrões aceitos pela sociedade patriarcal. Em oposição a isso, os homens tinham sua sexualidade explicitada e estimulada, tinham liberdade para sentir-se sexualmente realizados e poder até ter muitas parceiras.

Por muitos séculos a sociedade utilizou da sexualidade como uma forma de poder, controle e repressão. As mulheres eram excluídas do erotismo, tornando seus corpos passivos, não eróticos, apenas reprodutivos. Para Foucault “Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável para o maior número de manobras e podendo servir de ponto de apoio, de articulação, às mais variadas estratégias” (FOUCAULT, 2019, p. 112). Contudo, na pós-modernidade, o erótico pela voz da mulher representa a luta pela libertação de seu corpo.

O desejo e satisfação femininos, sempre foram vistos como não existentes ou em segundo plano em relação ao homem. E a busca pela liberdade sexual feminina é a busca da mulher pela construção de uma nova identidade, em que ela possa sentir-se livre, inclusive, ou talvez principalmente, na sua relação consigo mesma, com seu corpo e sua sexualidade. Para Zygmunt Bauman, ““sentir-se livre” significa não experimentar dificuldade, obstáculo, resistência ou qualquer outro impedimento aos movimentos pretendidos [...] Sentir-se livre das limitações, livre para agir conforme seus desejos” (2001, p. 26).

Soares analisa o tema no trecho a seguir:

A mulher que pensa e diz o erotismo livremente é a mesma que pensa e diz o seu papel, enquanto construtora da sociedade. São faces do mesmo processo. O autoconhecimento erótico leva ao conhecimento do outro e do mundo, e à consciência do poder de transformá-lo em vontade própria (SOARES, 1999, p. 58).

Discorrer abertamente sobre as vivências sexuais femininas configura uma forma de protesto, uma vez que contribui com o processo de reconstituição da identidade feminina. Em que esta possa viver sua sexualidade como um evento natural, sem que seja algo transgressor. Foucault aponta que isso não é uma tarefa fácil, “a repressão foi um modo fundamental de ligação entre o poder, o saber e a sexualidade não podemos nos libertar dela facilmente” (FOUCAULT, 2019, p. 11), porém as vozes femininas na literatura, nos jornais, nas redes, entre outros, vêm gerando mudanças significativas nesse quadro.

Paz assinala sobre o papel da liberdade de expressão, política e intelectual, como precursor da reconstituição do ser na sociedade:

A sua conclusão é breve: os males que afligem as sociedades modernas são políticos e econômicos, mas também são morais e espirituais. Uns e outros ameaçam o fundamento das nossas sociedades: a ideia de pessoa humana. Essa ideia tem sido a fonte das liberdades políticas e intelectuais; também a criadora de uma das grandes invenções humanas: o amor. [...] O diálogo entre a ciência, a filosofia e a poesia poderia ser o prelúdio da reconstituição da unidade da cultura. O prelúdio também da ressurreição da pessoa humana, que foi a pedra

de fundação e o manancial da nossa civilização (PAZ, 1994, p. 145).

A linguagem torna-se o lugar da reconfiguração do real, e isso é encontrado com maestria na Literatura, por meio dela é possível desconstruir os obstáculos que impedem a igualdade entre os gêneros. Ao mesmo tempo que pode trazer a presença do prazer e do humor; a linguagem literária pode ser objetiva, confessional, de representação e reflexão profunda, atuando, assim, na formação crítica do sujeito.

A literatura apresenta-se numa tentativa de apreensão e compreensão da sociedade. Com isso, podemos observar, na literatura, a denúncia da necessidade do prazer feminino, além de expor, de maneira clara, os anseios sexuais mais íntimos das mulheres pós-modernas, numa sociedade que tem apresentado uma estimulação erótica consumista (BAUMAN, 2001), e sua busca por libertar-se de uma imposição patriarcal estabelecida, conservadora e carregada de preconceitos. Nas palavras de Paz é “o outro, a outra e seu complemento, aquilo que converte o desejo em acordo: o livre-arbítrio, a liberdade” (PAZ, 1994, p. 47).

Cecília Meireles discorre sobre o despertar para as representações femininas, e a importância do papel da mulher enquanto escritora, que escreve a literatura com tanta qualidade e expressão quanto os homens, mesmo estes, por muito tempo dominando o cenário literário:

Vemos como, de uma poesia quase essencialmente doméstica, a mulher tem alcançado experiências idênticas a do homem, no domínio literário. E vemos que essas experiências não se resolvem apenas em composições plasticamente arquitetadas, mas que, sob essa arquitetura existe uma elaboração do espírito, uma inquietação e uma investigação de caminhos interiores, com os recursos inerentes à Poesia, isto é, por uma forma de Conhecimento que não é nem científico nem filosófico. Não se pode dizer, porém, que isso seja um privilégio da mulher; é um privilégio dos verdadeiros poetas, apenas (MEIRELES, 1959, p.103).

Assim, para desconstruir os ideais patriarcais que consolidaram a inferiorização feminina, narrada pela voz masculina, é de suma importância, cada vez mais, a inserção de autoras que falem da sexualidade na literatura brasileira, para que leitores tenham conhecimento do erotismo por diversas perspectivas.

E por meio deste ponto de vista, uma autora ao relacionar o erotismo ao desejo e a liberdade da mulher na literatura, nos presenteia com a criação da obra *Guizos da carne: Pelos decibéis do corpo* (2014); escritora e pesquisadora contemporânea, Lia Testa, reúne diversos poemas em que traz, com uma linguagem veemente, a vivência dos mais íntimos desejos da “carne”, desejos estes colocados de uma forma desnudada nas palavras, sem amarras e sem receios, que nos faz pensar que para liberdade erótica feminina não existem mais limites, nem nas palavras, nem no sentir.

Lia Testa é uma escritora contemporânea tocantinense, que mostra em sua poesia uma obstinação contra a repressão e a inferioridade feminina, quando esta traz o erotismo de uma forma natural e singular em seus poemas, fazendo rupturas em paradigmas e a ordem patriarcalista dominante. E embora a obra aqui analisada seja extremamente atual e relevante, até o presente momento, recebeu pouco tratamento analítico. Seus poemas serão aqui reproduzidos e discutidos, a fim de observar de que maneira a escrita erótica feminina favorece o empoderamento feminino, e como sua linguagem avassaladora possibilita o processo de construção de uma condição feminina, redimensionando as relações entre homem e mulher.

A manifestação do erótico feminino em *Guizos da Carne: pelos decibéis do corpo* de Lia Testa

Lia Testa é o nome artístico e literário de Eliane Cristina Testa, artista contemporânea, professora Mestre em Letras e Doutora em Comunicação e Semiótica. Escritora com trabalhos poéticos premiados em concursos nacionais e internacionais, tem grande importância na Arte e na Literatura tocantinense. Publicou obras como *Inquietações* (2007); *Guizos da carne* (2014), *Sanguínea até os dentes* (2017), entre outras. Artista visual, ilustradora de publicações, participou de eventos nacionais e internacionais onde apresenta obras em exposições e mostras de arte.

A obra de Testa chama a atenção por sua complexidade e a atualidade do tema da eroticidade, trazendo situações de reflexão, a constante busca do sujeito por encontrar-se e os anseios do indivíduo contemporâneo. Com seu jogo de palavras e figuras de linguagem, vocábulos são apresentados sem pudor, sem medo.

Lia Testa gosta de palavras que mordam ou que mordem a si mesmas em ritos degustativos encantatórios [...]. Acredita que a poesia está em todos os espaços para recodificar o corpo-vida. Tenta estabelecer/viver uma íntima relação (e de atravessamento) com a palavra e encontrar seu intenso e incessante tecido encoberto (palpável ou impalpável) (LITERATURA BR, 2015).

No livro *Guizos da carne: pelos decibéis do corpo*, obra poética publicada em 2014, temos uma coletânea de poemas que falam do erótico com uma naturalidade e linguagem únicas. “O livro de Lia Testa toca no sensível tema da eroticidade, com a autora nos guiando pelos caminhos da poesia, na qual usa a metáfora com requinte, vivacidade e beleza” (RIBEIRO, 2014, p. 274).

No prefácio do livro, Eliana Yunes chama a atenção ao falar de suas impressões acerca do texto de Lia: “Este livro de poesias nada tem de estrepante, maduro domínio do dizer que atravessa o corpo anunciando forças inominadas brotando com coragem e engenho. Lia, poetisa, abre passagem à poesia” (YUNES, 2014, p.8).

No início da obra, é possível perceber a utilização de uma linguagem figurativa, trazendo a duplicidade de sentidos no poema *fato cacófato desafortado ato*: “como a boca dela e a língua te tinha contado tudo / fato é que é essa fada / luta pela dona pelos buracos das ruas / a cerca dela do caco do caso e do acaso [...]” (TESTA, 2014, p. 9). O poema dá a entender que esta mulher (a fada/safada) é dona de si e pode ser quem quiser, uma mulher que luta e uma mulher que não está preocupada com ajuizamentos sociais.

O erotismo é percebido por meio do jogo de sentidos em “como a boca dela” e a “língua”, aqui as palavras “comer” e “língua” estão associadas ao ato sexual. A ideia de duplicidade em “cerca dela”, a cacofonia em “cadela”, aponta para uma certa autonomia da mulher; “caso” pode simbolizar um relacionamento passageiro e “acaso” denotar o espírito livre desta mulher.

A autora brinca com as imagens, utiliza versos livres e poemas concretos. No poema concreto da página dez, (em forma de seta para baixo) a primeira palavra que aparece é “efêmero”, sugerindo reflexões sobre a passagem e fluidez da vida: “[...] hoje amanhã não sou / homem adiante bicho / bicho-gente que come / o sol a pino o sal da terra gota errante [...]” (TESTA, 2014, p. 10). O ser humano é visto como um bicho, um animal, com seus anseios, suas necessidades instintivas, primitivas, incontroláveis, que “se alimentam do fogo original: a sexualidade. Amor e erotismo regressam sempre à fonte primordial, a Pã e ao seu alarido que faz tremer a selva” (PAZ, 1994, p. 150).

No poema homônimo ao título da obra, a temática é desencadeada em um constante jogo de metáforas, o que atrai a atenção por meio da escolha de palavras e significados:

Guizos da carne

I

a epiderme tem guizos
de carne
a epiderme tem derme
de orgias
a epiderme não dorme
de dia
a epiderme come o tempo
de noite
a epiderme mora na língua
de quatro
a epiderme se perde
na escrita a epiderme morde o corpo
da onça
e da moça
devagar

guizos da carne

II

erizada a epiderme chia
chama oriki orixá
canto de lava na derme
onde os guizos da carne
comem devagar a moça
a onça da moça
pela ponta da boca
pela porta da sola
Pela ponta da língua
Sopro em estado de fala nômade
(TESTA, 2014, p. 11)

O poema apresenta algumas metáforas muito importantes para seu entendimento, a palavra “guizos” (objetos ocos com bolinhas soltas em seu interior, que fazem barulho ao serem agitados) pode significar alegria e agitação. A palavra “carne” está ligada ao ser, a matéria, o corpo com instinto e desejo. A “carne” é o artifício que carrega o desejo dentro de si, seu toque e a agitação dos corpos no movimento erótico, geram infinitas sensações.

No texto de Testa, o desejo e o erotismo são ressaltados na linguagem (palavras como epiderme, orgia, morder, língua, corpo, comer, entre outras) mostrando o momento erótico, desnudado pelo prazer, sem necessidade de explicação, apenas o sentir. A autora traz uma linguagem crua e sem rodeios, desatada de padrões ou normas. Constata-se a preocupação poética da autora em trazer uma linguagem que permeie e descreva a sexualidade e a necessidade do desejo e do prazer. “Os poemas nos sugerem, de algum modo, que o sentimento compartilhado de satisfação do desejo não é apenas ponto de chegada da experiência erótica, mas também marco de partida para o equilíbrio global” (SOARES, 1999, p. 129).

Paz afirma que no amor, o desejo corporal pelo toque incita a união erótica:

O corpo do meu par deixa de ser uma forma e converte-se numa substância informe e imensa na qual, ao mesmo tempo, me perco e me recupero. Perdemos-nos como pessoas e recuperamos-nos como sensações. [...] também é a experiência da perda da identidade: dispersão das formas

em mil sensações e visões, queda numa substância oceânica, evaporação da essência. Não há forma nem presença: há a onda que nos embala, a cavalgada pelas planícies da noite (PAZ, 1995, p. 148).

No texto erótico a sintonia começa quando o poema termina, pela palavra, tanto o autor, quanto o leitor buscam a identificação. Diferentemente da realidade dominadora que o envolve, o poeta, se liberta por meio da linguagem.

No poema *matadora de touros*, podemos perceber no eu lírico uma mulher que se vê como agente de sua satisfação pessoal, seu prazer e desejo são fundamentais: “bela centauro, égua esquiva de corpo torso / bruta, cega, insensata, voraz [...] / lascas de couro, / testículos, fibras, membros, / o corpo alheio pisoteado / é de pó e aço o seu desejo / - a faca segue até as goelas - / o corpo cai”. (TESTA, 2014, p. 13). Neste poema é possível alcançar a associação de vida e morte ao prazer sexual, vista por Bataille (1987), a expressão “o corpo cai” dá a ideia de transcendência provocada pelo gozo, o prazer e o nada, todas as sensações e nenhuma ao mesmo tempo.

Ainda no poema *matadora de touros* (TESTA, 2014, p. 13), a descrição do corpo masculino mostra que este serve, tão somente, para que o eu lírico feminino se descubra, perceba sua sexualidade, compreenda o estranhamento que sente, a partir de um corpo que se transforma. E que segura de si, toma as rédeas da vida nas próprias mãos. Não é mais o *corpo passivo e reprimido* (BATAILLE, 1987), mas o corpo ativo que domina a situação e usa o corpo masculino apenas como fonte de seu prazer, quebrando, assim, a visão tradicional de erotismo.

Na obra há a ideia de que ambos os indivíduos envolvidos num ato sexual deveriam satisfazer um ao outro: “para comer uma putinha equalizada / ao fluxo das ondas de um rio rápido / posicione-se em frequências não estáticas / pule para baixo para cima / use apetrechos pontiagudos / não acalme os ruídos indesejados / e faça um vis-à-vis / a dois a três a seis ou / a dez decibéis no eixo x e y” (TESTA, 2014, p. 18). A palavra “decibéis” ligada a intensidade, aponta para corpos ágeis e entregues em uma mesma sintonia/frequência.

Divergindo do pensamento patriarcal em que a mulher satisfazia o homem e que o desejo e o prazer eram exclusivamente do sexo masculino, no poema a entrega de ambos é apresentada como algo recíproco: “quando dois corpos ocupam / o mesmo espaço / estalos nos países baixos” (TESTA, 2014, p. 19). Corpos estes que estão “perfeitamente inseridos na dinâmica natural, os corpos dos amantes se conectam e se complementam, na entrega plena e recíproca” (SOARES, 1999, p. 122).

Por meio dos textos é possível inferir o erotismo para além da reprodução humana, no momento em que permite a liberação do desejo e a mulher como sujeito da cena erótica. “O sexo, não mais dividido e discriminador, é agora transcrito como uma ação realizada a dois” (SOARES, 1999, p. 124). Indicando seu caráter desconstrutor da representação estereotipada e repressiva, assinalando uma nova “realidade erótica em que os instintos vitais acabassem descansando na gratificação sem repressão” (MARCUSE, 1972, p. 136).

No poema *maya* a associação do eu lírico a um bicho, revela que a mulher deseja ser levada pelo instinto, que ela é dona de seu próprio sexo: “maya”: “é bicho e gente na sua dança / batuqueira bandalheira roda gira move / é gente e bicho na sua dança / é gente gente na sua vadiagem / mata come cava colhe / miríades de beleza maquiada / é bicho que come bicho / tamborilando no couro na carne [...]” (TESTA, 2014, p. 20). A beleza da mulher é intensificada por sua participação ativa no ato amoroso. “A atuação transformadora da mulher é indício, no poema, de outro modo de rompimento da tradição opressiva” (SOARES, 1999, p. 123).

O estilo da linguagem, a descrição, a predileção por minúsculas, os vocábulos eróticos e a pontuação, denotam a contemporaneidade dos poemas de Testa. A mudança dos sentidos das palavras, se apresenta como um recurso forte para quebra de expectativa: “:palavras se incendeiam / no ranger dos dentes: / :palavras se incendeiam / no roçar das horas: / :palavras se incendeiam / no rasgo do meu ventre: / [...] / uma fala que fode / e a boca goza gostoso / por dentro por fora / pelos lábios pelas guelras pelas ventana / [...]” (TESTA, 2014, p. 26). No texto de Testa, a linguagem é usada com preocupação estética e erotismo.

Em muitos poemas vemos uma linguagem menos formal, mais vulgar, que Bataille (1987) vê como algo extremamente sensual. O erótico na obra aparece de diferentes formas, em alguns poemas, é mais sutil, apresentando sua essência na busca pela completude humana, enquanto em outros, o erótico é explicitado em uma explosão de desejos e entrelaçamento de corpos.

Assim, por meio dos poemas de Testa, percebemos a atuação transformadora da mulher, como escritora da literatura erótica, da mulher dona de si, como indício, de outro modo do rompimento da tradição opressiva. E é por meio da literatura que as palavras têm uma importância infinita para falar dos anseios mais profundos humanos, desmistificar, romper com preconceitos e libertar, “a palavra é pescada dentro de cada palavra / [...] / a palavra foi e não foi nada acredito e dito / por mim não fica palavra sobre palavra / nenhuma pa.la.vra / viva a palavra / quase” (TESTA, 2014, p. 42).

Considerações Finais

A literatura contemporânea vem trazendo muitas inovações no que concerne ao uso erótico do corpo feminino. Sem a perda do domínio de seus corpos, sem renunciar seus desejos e sem submissão, as personas narradoras dos poemas estudados mostram-se como seres autônomos, conscientes de seus desejos, donas de si, em suas múltiplas identidades. Entende-se que essa mulher busca sua identidade não apenas em questões éticas, históricas e sociais, mas também a partir de seu próprio corpo.

Assim, a literatura de autoria feminina quebra vários paradigmas: inicialmente ao falar sobre erotismo, utilizando uma linguagem que por tantos anos foi considerada uma linguagem do homem sobre o sexo. Em seguida libertando o prazer sexual feminino, mostrando a mulher livre para se satisfazer sexualmente, sem repressão. Deste modo pode se afirmar enquanto ser independente, dona de seu próprio corpo e que busca por se conhecer “no exercício erótico, que é sempre o de uma busca psicológica de autoconhecimento” (SOARES, 1999, p. 129).

Escrever sobre erotismo é discorrer sobre liberdade, é questionar a realidade social e os contextos de exclusão feminina, em que estas por muito tempo foram impedidas de sentir o próprio corpo.

Na obra de Testa, observa-se a busca por completude, pelo erotismo dos corpos e da escrita. Este foi trabalhado tanto por uma linguagem mais explícita, obscena, quanto por uma linguagem mais subjetiva e subentendida. Testa problematiza o erótico na contemporaneidade, trazendo discursos presentes em nosso tempo.

Neste mundo, pós-moderno, de desordem e incertezas em que vivemos (Hall, 2001), não podemos dizer nada além daquilo que é efêmero e passageiro. A palavra vai nos denotar justamente o que sentimos e desejamos, no passado, no presente, e a única certeza é a de que mudamos constantemente, “quero mais, sempre mais / nada de doses homeopatas / desfruto da vida / a sede da vida / em altas doses” (TESTA, 2014, p. 45).

Referências

- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. – 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2019.
- FREUD, Sigmund. **Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas socie-**

dades modernas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

LITERATURA BR, **A poesia de Lia testa**, artigo publicado pelo site Literatura BR, 2015. Disponível em: <https://www.literaturabr.com/2015/11/27/poemas-de-lia-testa/>. Acesso: 10 ago. 2020.

MAFRA, Betânia Siqueira. **A Voz de um corpo de mulher: O erotismo em Paula Tavares.** In: **Revista Eletrônica Gatilho.** Ano 2006, vol. 4. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/download/8640058/7617/0>. Acesso em: 16 jul. 2020.

MARCUSE, Hebert. **Eros e civilização.** Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

MEIRELES, Cecília. Expressão feminina da poesia na América. In: **Três conferências sobre cultura hispano-americana.** Rio de Janeiro, MEC/Serviço de Documentação, 1959a.

PAZ, Octavio. **A chama dupla: amor e erotismo.** Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Sciliano, 1994.

RIBEIRO, Antônio Carlos. **Resenha: TESTA, Lia.** Guizos da carne: pelos decibéis do corpo. São Paulo: Poesia Menor, 2014. **ENTRELETRAS**, Araguaína/TO, v. 5, n. 2, p. 274-275, ago./dez. 2014. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/download/1337/8149/>. Acesso em 10 ago. 2020.

SOARES, Angélica. **A paixão emancipatória: vozes femininas da libertação do erotismo na poesia brasileira.** Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.

TEDESCHI, Losandro Antônio. **As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica.** Dourados, MS: Ed. UFGD, 2009.

TESTA, Lia. **Guizos da carne: pelos decibéis do corpo.** São Paulo: Poesia menor, 2014.

YUNES, Eliana. Prefácio. In: TESTA, Lia. **Guizos da carne: pelos decibéis do corpo.** São Paulo: Poesia menor, 2014, p. 8.

Recebido em 06 de setembro de 2021.

Aceito em 27 de setembro de 2021.